



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS, INTERAÇÕES ESPACIAIS GLOBAIS DESDE REGIÃO DOS
VALES-RS

Carolina Rezende Faccin (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - faccincarolina@gmail.com
Formada em Arquitetura e Urbanismo pela UNISC. Mestre e doutoranda em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS.

Carlos Stavizki Junior (Universidade de Santa Cruz do Sul) - carlos_stavizki@hotmail.com
Formado em Serviço Social pela UNISC. Mestre e doutorando em Desenvolvimento Regional pela UNISC.

Cidades médias e pequenas, interações espaciais globais desde região dos Vales-RS

Resumo: Aborda-se as interações espaciais globais que as cidades médias e pequenas participam, através dos fluxos de exportação e importação, configurando relações espaciais heterárquicas em distintas escalas espaciais. Analisam-se os dados de exportação e importação dos principais setores produtivos da região dos Vales-RS, notadamente os setores de produção de tabaco e de carne de frango e de suínos. Utilizam-se dados de exportação e importação de 2018, do Comex Stat bem como dados complementares das empresas importadoras e exportadoras cadastradas no registro de estabelecimentos do MAPA. Na sub-região do Vale do Rio Pardo predominam as exportações de tabaco conduzidas sobretudo por cinco empresas multinacionais. Na sub-região do Vale do Taquari há uma maior diversidade de produtos exportados e, dentre as principais empresas exportadoras de carne de frango e de suínos, foram identificadas duas cooperativas, duas empresas locais e uma multinacional. As interações espaciais decorrentes dessa dinâmica de comércio exterior põe em destaque o papel das cidades médias de Santa Cruz do Sul e Lajeado, e de algumas cidades pequenas da região, pelos altos montantes exportados e também por sediarem plantas industriais das principais empresas exportadoras.

Palavras-chave: Interações espaciais. Cidades médias e pequenas. Região dos Vales-RS. Fluxos de exportações e de importações.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre as interações espaciais globais possui uma forte aderência na análise territorial, sendo comumente utilizado em estudos de casos sobre o impacto da presença de empresas transnacionais nas regiões e, mais recentemente, nas dinâmicas de desenvolvimento de cidades pequenas e médias. Esta categoria auxilia na compreensão sobre o déficit ou excedente da oferta de produtos entre lugares, bem nas interações entre os locais, considerando a distância, o tempo e os custos de produção, distribuição e comercialização destes produtos. Utiliza-se ainda, para análise sobre a ausência ou insuficiência de oportunidades intermediárias entre dois locais complementares, os determinantes de fluxos e os custos gerais de transportes das mercadorias e/ou matérias-primas (ULLMAN, 1980, WANG, 2017).

Neste trabalho, analisam-se os principais setores produtivos da região dos Vales, correspondente à junção das sub-regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari, sendo os setores de produção de tabaco e da carne de frango e de suínos, respectivamente. A análise baseia-se nos dados referentes ao total exportado e importado por setor e por município, para o ano de 2018, segundo as

Estatísticas do Comércio Exterior Brasileiro (Comex Stat). A partir da identificação das principais empresas em cada setor, foram mapeados os destinos das exportações e importações, e assim, identificado as principais empresas em cada cidade média e pequena nestas regiões. Estas empresas foram identificadas e localizadas através de consulta às bases de dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em julho de 2020. As localizações e a existência das principais empresas foram conferidas durante as saídas de campo realizadas em 2020.

O trabalho está organizado em sete itens, considerando esta introdução e as considerações finais. A segunda parte apresenta os materiais e métodos da pesquisa. A terceira apresenta uma revisão bibliográfica sobre as categorias “cidades médias”, “interações espaciais” e “desenvolvimento regional”, visando instrumentalizar as discussões. Na quarta parte, apresenta-se uma caracterização da Região dos Vales, no estado do Rio Grande do Sul e suas principais atividades produtivas. O quinto item apresenta e analisa os dados sobre exportação e importação no território e por fim, na sexta parte, discute-se sobre as principais empresas presentes na região e os setores produtivos do tabaco e da carne de frango. As considerações finais sintetizam o debate, ressaltando a relevância destes setores produtivos para o planejamento das cidades médias e pequenas, no âmbito do desenvolvimento regional.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo baseia-se em uma pesquisa quantitativa, descritiva e aplicada ao campo do Planejamento Urbano e Regional, sustentada por uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de cidades médias, interações espaciais e desenvolvimento regional, segundo autores de referência, como: Ullman (1980), Corrêa (1997), Catão, Reolon e Miyazaki (2010), Wang (2017), Catelan (2013), Theis (2001), Etges (2005) e Sposito (2007; 2014).

Buscou-se inicialmente caracterizar a região de forma socioeconômica a fim de entender quais são seus setores produtivos predominantes. Para isso, foram obtidos dados do Censo Demográfico de 2010, a população estimada para 2020, PIB *per capita* e Valor Adicionado Bruto (VAB) de 2017, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Através dos Perfis Regionais dos Coredes Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari, elaborados pelo Departamento de Planejamento Governamental (DEPLAN) do RS, foram coletados dados relativos ao VAB da Agropecuária e ao VAB da Indústria da Transformação de 2012. Também foram utilizados o número de empregos formais da Indústria da Transformação, por setor CNAE 2.0, por município da região, obtidos através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Após identificados os principais setores produtivos, notadamente o do tabaco, na sub-região do Vale do Rio Pardo, e da carne de frango e de suínos, no Vale do Taquari, foram coletados dados referentes ao total exportado e importado por setor, por município, para o ano de 2018, através do site Estatísticas do Comércio Exterior Brasileiro (Comex Stat), bem como o destino

das exportações e importações. Ainda, foram identificadas as razões sociais das empresas correspondentes aos principais produtos exportados e importados. As empresas foram identificadas e localizadas através de consulta às bases de dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Em um segundo momento, os dados foram conferidos no CNPJ de 2019, da Receita Federal, e através do registro de estabelecimentos produtores de carne, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em julho de 2020. As localizações e a existência das principais empresas foram conferidas durante as saídas de campo realizadas em 2020.

Após identificadas as empresas, suas matrizes e filiais foram mapeadas a fim de apresentar a divisão territorial do trabalho de cada uma delas. As empresas selecionadas e identificadas no setor de tabaco são as multinacionais *Philip Morris Brasil S.A.*, *Souza Cruz Ltda.* (British American Tobacco - BAT Brasil); *Japan Tobacco International - JTI Processadora de Tabaco do Brasil Ltda.*; *Alliance One Brasil Exportadora de Tabacos Ltda.*; *Universal Leaf Tabacos Ltda.* No setor da carne de frango e de suínos, foram identificadas seis empresas: a multinacional brasileira *BRF S.A.* (Empresa resultante da fusão das empresas nacionais Sadia e Perdigão), a *Cooperativa Dália Alimentos*, a *Cooperativa Languiru*, a *Companhia Minuano Alimentos*, e a *Faros Industria de Farinha de Ossos Ltda.*

Por fim, após o levantamento e organização dos dados em planilhas eletrônicas, estes foram analisados através da confecção de tabelas e mapas temáticos, com a utilização dos softwares Excel, QGIS e Adobe Illustrator.

CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS, INTERAÇÕES ESPACIAIS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O termo interação espacial foi criado pelo geógrafo estadunidense Edward Ullman em 1954 e popularizado a partir de seu livro *Geography As Spatial Interaction*, publicado em 1980. Desde então, diversos trabalhos têm sido publicados considerando a noção de ‘interação espacial’, sendo aplicado, frequentemente, em estudos de caso, seja através de trabalhos quantitativos sobre movimentos espaciais, seja em trabalhos qualitativos sobre ligações e contextos locais-globais. Apesar disso, poucos autores se dedicaram a desenvolver o conceito de interações espaciais: além do já citado Ullman, destacam-se Corrêa (1997) e Catão, Reolon e Miyazaki (2010).

Ullman propõe, para o conceito de “interações espaciais”, três condições interdependentes: a complementaridade, a transferibilidade e a falta de oportunidades de intervenção (ULLMAN, 1980). A complementaridade refere-se a uma demanda ou déficit de um produto em um local e uma oferta ou excedente do mesmo produto em outro local. Já a transferibilidade refere-se à possibilidade de interações entre os locais, superando a distância, o tempo e o custo. Ou seja, embora exista uma relação de oferta e demanda complementar entre os locais, nenhuma interação ocorrerá se o custo de transferência for maior do que os benefícios derivados. O terceiro fator refere-se à ausência ou insuficiência de oportunidades intermediárias entre

dois locais complementares. Nesse caso, os fluxos que ocorreriam entre dois locais complementares podem ser desviados para um terceiro local, caso este seja uma alternativa complementar mais próxima com um custo geral de transporte mais barato (ULLMAN, 1980, WANG, 2017).

No Brasil, o geógrafo Roberto Lobato Corrêa tem se dedicado à temática e encorajado o uso do termo, assim como sua aplicação em estudos empíricos, indicando que essa temática apresenta uma renovada importância em um mundo que rapidamente tem suas interações espaciais complexificadas. Corrêa (1997, p. 279) define as interações espaciais como constituintes de um “amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico”. Elas podem apresentar intensidade, frequência, distância e direção variáveis. Também podem ser realizadas por diversos meios e velocidades e por diferentes propósitos – podem ser migrações, deslocamentos pendulares, exportações e importações entre países, circulação da força de trabalho e da produção agrícola em direção às fábricas, circulação de mercadorias entre fábricas e distribuição varejista, o fluir de informações entre unidades de uma empresa, ou até mesmo uma ida ao cinema ou uma visita a parentes e amigos.

Ressalta-se a influência da distância sobre as interações espaciais. De modo geral, à medida que há um aumento da distância e, conseqüentemente, um aumento dos custos de transporte, de tempo e de esforço físico, verifica-se a diminuição da intensidade das interações. Os modelos de von Thünen, Weber e Christaller, assim como outros modelos gravitacionais que envolvem interações espaciais, estão fortemente calcados no papel da distância na explicação do uso agrícola da terra, da localização industrial, da hierarquia urbana e da atratividade de um centro nodal sobre outros (CORRÊA, 1997).

A distância também aparece na obra de Ullman que, de acordo com Catelan (2013, p. 48–49), “considera as características temporais e do ambiente como fatores que vão predeterminar a densidade de interações espaciais”. Neste sentido, Ullman valoriza a distância como elemento constituinte do conceito de interações espaciais, bem como o tempo e as características do ambiente, e as já citadas complementaridades, oportunidades de intervenção e transferibilidade.

No entanto, apesar da distância ser um elemento a ser considerado, sua importância precisa ser relativizada. Diferentes e específicos padrões culturais podem dar origem a interações espaciais reguladas por visões particulares da distância. Por exemplo, o papel da distância não é o mesmo entre pobres e ricos da sociedade capitalista, uma vez que se estabelecem distintos graus de mobilidade espacial. Na escala intraurbana, pessoas com rendas mais altas possuem melhores condições de residir próximas ao núcleo central da cidade, ou em locais com mais acesso à infraestrutura urbana de transporte, enquanto pessoas de baixa renda residem em geral em áreas periféricas das cidades. Na realidade, toda concepção centro-periferia está fortemente assentada no efeito declinante da distância, independente da escala espacial (CORRÊA, 1997).

Além disso, os avanços tecnológicos, direta ou indiretamente associados ao funcionamento das cidades, minimizam o papel da distância nas interações espaciais – Meios de transmissão de informações, como a televisão, internet,

celular e smartphones; meios de transporte velozes e acessíveis, como trens de alta velocidade e aviões; reuniões e conferências virtuais através de vídeos-chamada online e aplicativos de celular que oferecem serviços como o de transporte particular, delivery de alimentos, reserva de hotéis e apartamentos, bancos digitais, entre outros. Desta forma, compreende-se que as interações espaciais não dizem respeito apenas aos deslocamentos de pessoas, mercadorias, Capital e informação no espaço. Elas são parte integrante da existência e reprodução do processo de transformação social e, assim, podem ser caracterizadas por especificidades e desigualdades (CATÃO; REOLON; MIYAZAKI, 2010; CORRÊA, 1997).

É neste sentido que utiliza-se o recorte de “cidades médias” e “cidades pequenas” para analisar as interações espaciais. Em relação às cidades médias, têm-se em vista que esta categoria não representa apenas uma determinação demográfica, mas determinações ampliadas sobre as cidades que desempenham um “papel de comando regional, realizando funções de intermediação entre cidades maiores e menores de sua rede urbana” (SPOSITO, 2014, p. 28). Entretanto, destaca-se que o uso do termo não é um consenso científico, havendo trabalhos, até hoje, que se utilizam exclusivamente dos indicadores populacionais para definir uma cidade; assim como há diferentes nomenclaturas para a ideia de cidades médias, como cidades intermediárias ou medianas (SPOSITO, 2007). Assim, considera-se as determinações a partir de cada aglomeração urbana, tais como: a) centralização das atividades econômicas regionais; b) Presença dos equipamentos públicos do Estado no território, considerando as redes e fluxos estabelecidas regionalmente; c) Circulação de pessoas e mercadorias através das redes de transporte e logística; e d) Influência na governança territorial (SPOSITO, 2007).

Com relação às cidades pequenas, Endlich (2017) sinaliza que pensá-las remete à própria conceituação de cidade, significa pensar o limiar da urbe, sendo que uma cidade deve ter uma complexidade mínima para que seja assim compreendida. Vale lembrar que oficialmente no Brasil a sede de um município corresponde a uma cidade. No entanto, essa definição legal, assumida pelo Estado, não serve como qualificativo para caracterização de cidades pequenas (JURADO DA SILVA; SPOSITO, 2009).

Podemos entender as cidades pequenas conforme Corrêa (2011), como aquelas nas quais há: a) um núcleo de povoamento no qual certa parte da população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços; b) um núcleo dotado da função de sede municipal; c) pode ser melhor definida em termos do grau de centralidade do que em termos de tamanho demográfico, isto é, um centro local que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia. Corrêa (2011, p. 7) ainda indica que “as pequenas cidades, centros locais que temos em mente, dificilmente ultrapassam 20-30.000 habitantes”.

Por fim, destaca-se que a compreensão de “desenvolvimento regional” que estrutura as análises deste estudo, baseia-se em uma interpretação alargada do conceito, não limitado-o ao âmbito do crescimento econômico. Para fundamentar esta perspectiva, resgata-se a síntese de Theis (2001).

[...] o conceito de desenvolvimento regional é edificado sob a lógica da materialização da ótica econômica, cultural e social, referindo-se ao processo político que impulsiona o crescimento, com objetivos locais. Assim, empregamos o conceito de desenvolvimento regional querendo nos referir ao processo de acumulação que tem lugar no espaço de uma dada região. [...] Tomam-se em conta os fenômenos mais recentes de diversificação e enriquecimento das atividades sobre o território com base na mobilização de seus próprios recursos (naturais, humanos e econômicos) e energias. (THEIS, 2001, p. 215-216).

No caso evidenciado neste estudo, que analisa as interações espaciais globais das regiões do Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari – regiões interioranas do estado do Rio Grande do Sul – é necessário incorporar a análise de diferentes variáveis e indicadores, considerando que o desenvolvimento regional baseia-se, sobretudo, na promoção da qualidade de vida e bem-estar da população. (THEIS, 2001; ETGES, 2005). Em outras palavras, o “desenvolvimento” não pode ser medido, apenas, pelo crescimento econômico de uma região, apesar de ser uma “condição necessária, mas de forma alguma suficiente” (SACHS, 2004, p. 32).

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DOS VALES E DE SUAS PRINCIPAIS ATIVIDADES PRODUTIVAS

A região dos Vales pode ser dividida em três zonas distintas. A primeira, refere-se à parte central e norte da sub-região do Vale do Rio Pardo, caracterizada por uma estrutura fundiária formada por pequenas propriedades rurais, vinculadas à agricultura familiar e pela produção de tabaco e milho. A segunda, refere-se à sub-região do Vale do Taquari, com a presença de pequenas propriedades rurais, vinculadas à agricultura familiar, cuja produção principal é constituída pela criação de frangos, suínos e produção de laticínios. Por fim, a terceira porção, refere-se à parte sul do Vale do Rio Pardo, que conta com a presença de médias e grandes propriedades rurais, centros urbanos mais esparsos, baixa densidade populacional, e que tem se especializado nas produções de arroz e soja, na criação de gado bovino e na silvicultura.

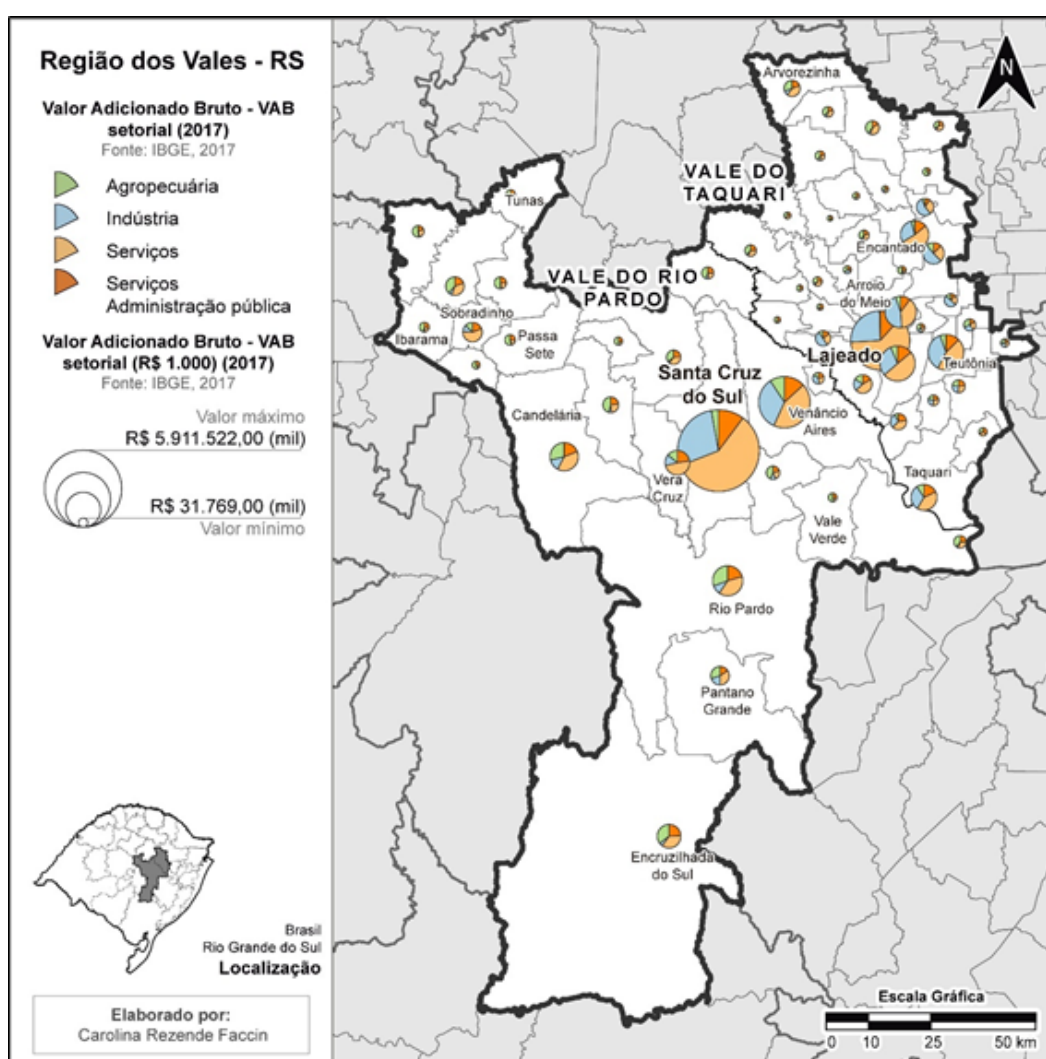
A região apresentava, em 2010, uma população total de 745.864 habitantes em uma área territorial de 18.082,86 Km², com uma densidade demográfica de 41,25 hab/km². A população da região é predominantemente urbana – 68% reside em área urbana e 32% em área rural. Apesar da predominância da população urbana na região, dos seus 59 municípios, 35 apresentam mais de 50% da população residindo no meio rural (IBGE, 2010). Destacam-se, entre os municípios da região, as cidades de Santa Cruz do Sul e Lajeado, com população estimada (IBGE, 2020) de 131.365 e 85.033 habitantes respectivamente – principais centros urbanos da região.

Conforme Silveira et al. (2019, p. 72), essas cidades podem ser entendidas como cidades médias graças ao expressivo contingente populacional das mesmas, em relação à região em que estão inseridas e aos seus papéis de intermediação de fluxos entre a metrópole Porto Alegre para com os municípios de seu entorno. Os autores destacam os papéis das duas

idades como centros de gestão do território, tendo em vista a localização de sedes do governo em nível estadual e federal e matrizes e filiais de empresas relevantes no contexto regional – como, por exemplo, as indústrias tabaqueiras em Santa Cruz do Sul, e dos frigoríficos de abate de aves, em Lajeado.

Neste sentido, considera-se como um importante indicador para analisar a economia regional, o Valor Agregado Bruto (VAB), que representa o valor que cada setor da economia (agropecuária, indústria e serviços) acrescentado ao valor final de tudo que foi produzido em uma região. O VAB total da região dos Vales, em 2017, foi de R\$ 24.655.360,00 mil, correspondente a 7% do VAB estadual. A estrutura setorial e total do VAB, para cada município, é apresentada na Figura 1.

Figura 1 – VAB setorial dos municípios – 2017



Elaboração: Carolina Faccin, a partir de IBGE (2017).

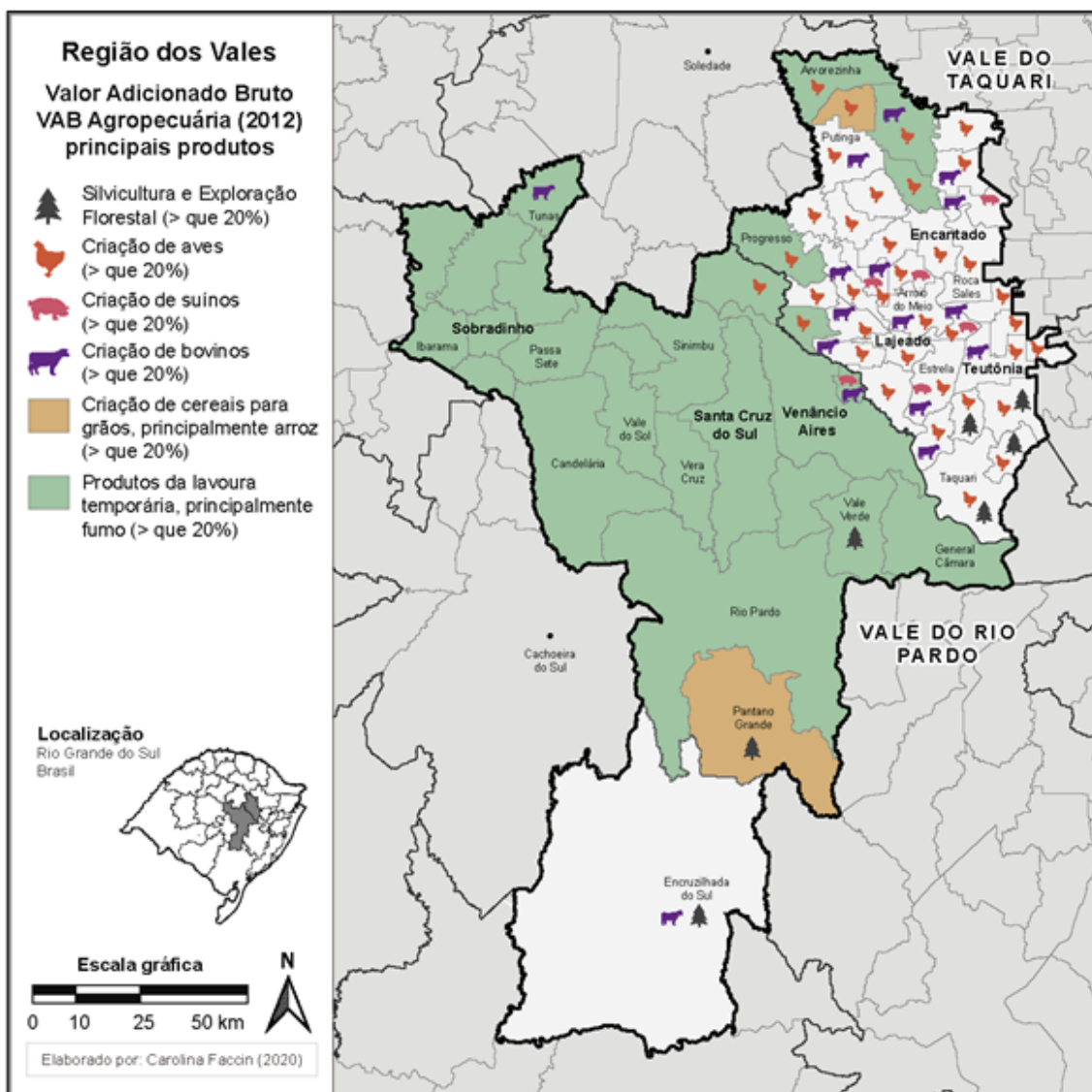
Verifica-se uma expressiva importância do setor de serviços na maior parte dos municípios. Esse setor representa mais de 50% da composição do VAB em 28 dos 59 municípios da região, destacando-se Sobradinho (75,8%),

Lajeado (74%), Vera Cruz (71%), Encruzilhada do Sul (65%), Santa Cruz do Sul (69%) e Encantado (66,3%) (IBGE, 2017).

Quanto ao setor industrial, oito municípios possuem mais de 35% da sua composição do VAB pertencente ao setor industrial: Muçum (54,6%), Roca Sales (51,4%), Imigrante (49,9%), Santa Clara do Sul (48,4%), Arroio do Meio (46%), Teutônia (36,8%) e Mato Leitão (36,1%) (IBGE, 2017a). Muitas vezes o alto desempenho do setor da indústria em pequenos municípios se deve a uma ou duas grandes empresas ali instaladas e que acabam concentrando o VAB industrial municipal. Assim é o caso de Muçum, que possui uma fábrica de móveis e uma de curtume; de Roca Sales, que possui uma fábrica de sapatos da Beira Rio, um frigorífico da JBS e uma fábrica de curtume; de Imigrante, que possui uma fábrica de artefatos de trefilagem e uma indústria química; de Santa Clara do Sul, com a presença de uma empresa do setor calçadista e outra do setor de metalurgia e de Mato Leitão, com a presença de uma fábrica de calçados. Entre os municípios listados, Arroio do Meio e Teutônia diferenciam-se pela presença de um maior número e mais diversa gama de indústrias (RAIS, 2018).

Em relação ao VAB Agropecuária, verifica-se que em 36 dos 59 municípios da região, notadamente nos municípios de pequeno porte, as atividades agropecuárias respondem por 30% a 59% do VAB municipal (IBGE, 2017). De modo mais específico, e em relação à produção da agropecuária, a Figura 2 apresenta os principais produtos provenientes da agropecuária, de acordo com o VAB, em cada município da região dos Vales.

Figura 2 – Principais produtos do VAB Agropecuária – 2012



Fonte: RIO GRANDE DO SUL (2015a; 2015b), adaptado por Carolina Faccin.

Nota-se que, no Vale do Rio Pardo, predomina a produção da lavoura temporária, especialmente o tabaco, cuja produção está concentrada na área centro-norte da sub-região. Ao sul, nos municípios de Rio Pardo, Pantano Grande e Encruzilhada do Sul, a estrutura da agropecuária assemelha-se à metade sul do Estado, com maior concentração fundiária e produção de arroz e de bovinos de corte e de leite, além da silvicultura, junto à produção de tabaco. No Vale do Taquari predomina a produção da pecuária, com a criação de suínos e bovinos (produção de leite) e, principalmente, a criação de aves, que superam os 20% em todos os 36 municípios do COREDE. Há ainda destaque para a produção da lavoura temporária, como o tabaco e a erva mate, ao norte da região, e a silvicultura e a exploração florestal, ao sul (RIO GRANDE DO SUL, 2015a; 2015b).

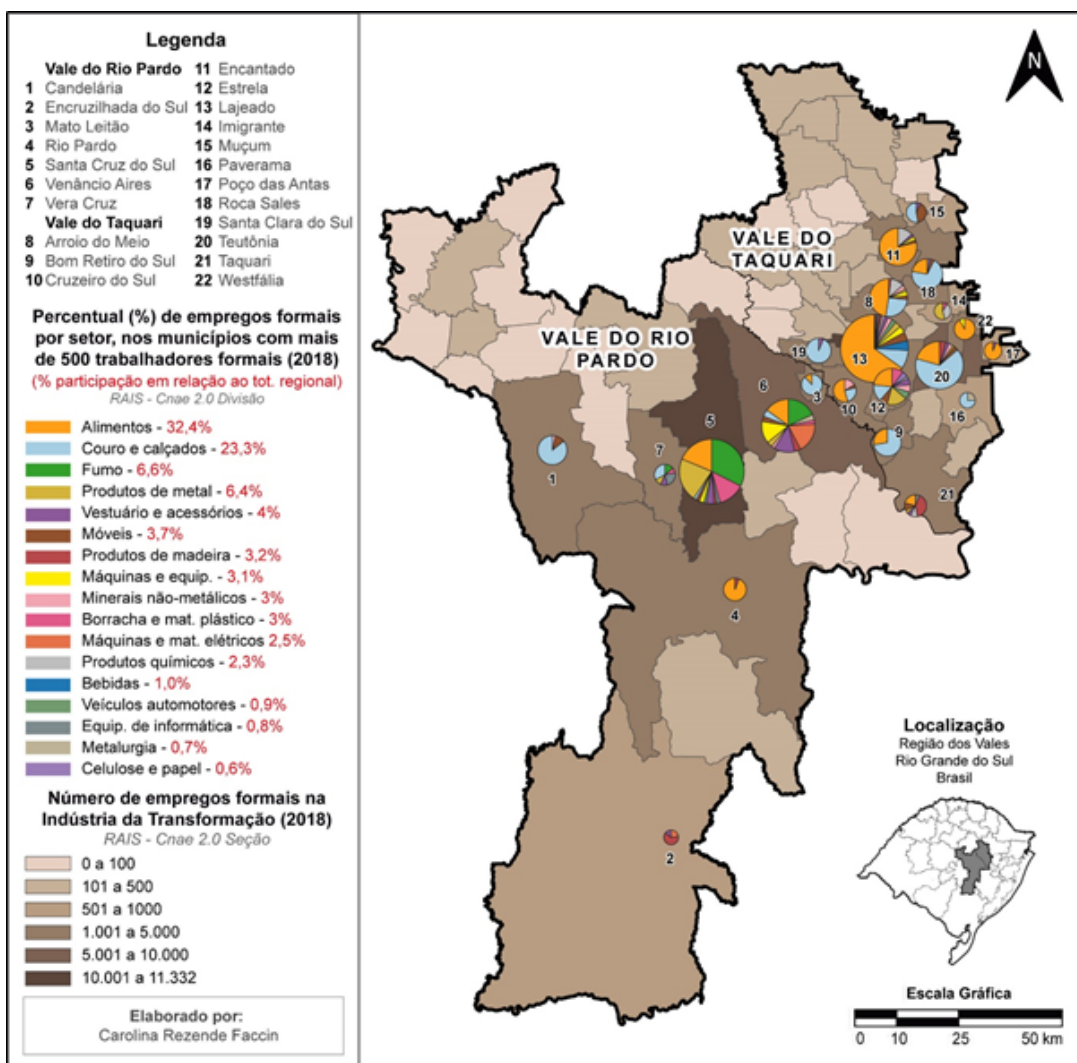
Em relação ao VAB da Indústria da Transformação, o que se observa no Vale do Rio Pardo é uma predominância da Fabricação de Produtos do Tabaco, que representa 80% do total. Em segundo lugar, a atividade de Fabricação de

Produtos Alimentícios, com 7,2%, com destaque para o abate e fabricação de produtos de carne (3,94%). Em menor parte encontra-se o segmento metalmecânico e outros, como o de couro e calçados e de produtos de borracha e de material plástico, cuja participação não ultrapassa 2% (RIO GRANDE DO SUL, 2015c). No Vale do Taquari predomina o segmento de Produtos Alimentícios, com 69% de participação, com ênfase nas atividades de abate e fabricação de produtos de carne (29%), de laticínios (16%) e de moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais (14%). Na segunda posição, com 13,3% de participação, está o segmento de Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos Para Viagem e Calçados, especialmente a fabricação de calçados (9%). Outros segmentos não alcançam 5% de participação no VAB do setor (RIO GRANDE DO SUL, 2015a; 2015b).

Com relação à população ocupada na região dos Vales, os dados de 2018 da RAIS mostram que 30,8% atuavam na Indústria da Transformação (RAIS, 2018). A Figura 3 apresenta o número de empregados desse setor, por município, destacando uma maior concentração no município de Lajeado, que concentra 16,6% dos empregos formais no setor da Indústria da Transformação, Santa Cruz do Sul, com 15,1% e Venâncio Aires, com 10,1%. Ou seja, juntos esses três municípios concentram mais de um terço dos empregos na Indústria da Transformação, na região dos Vales.

Em relação aos setores com o maior número de empregos formais, de acordo com a RAIS (2018), destacam-se os de fabricação de produtos alimentícios (32,4% dos empregos formais), preparação de couros e fabricação de artefatos de couro (23,3%), fabricação de produtos do tabaco (6,6%) e fabricação de produtos de metal (6,3%). Chama a atenção a menor proporção de empregados no segmento de fabricação de produtos do tabaco, justificada pela maior parte dos empregos serem de trabalhadores temporários, empregados somente no período de safra e, portanto, não contabilizados nos dados da RAIS (RAIS, 2018).

Figura 3 – Percentual de empregos formais da Indústria da Transformação, por setor CNAE 2.0, para os municípios com mais de 500 empregados na região dos Vales – 2018



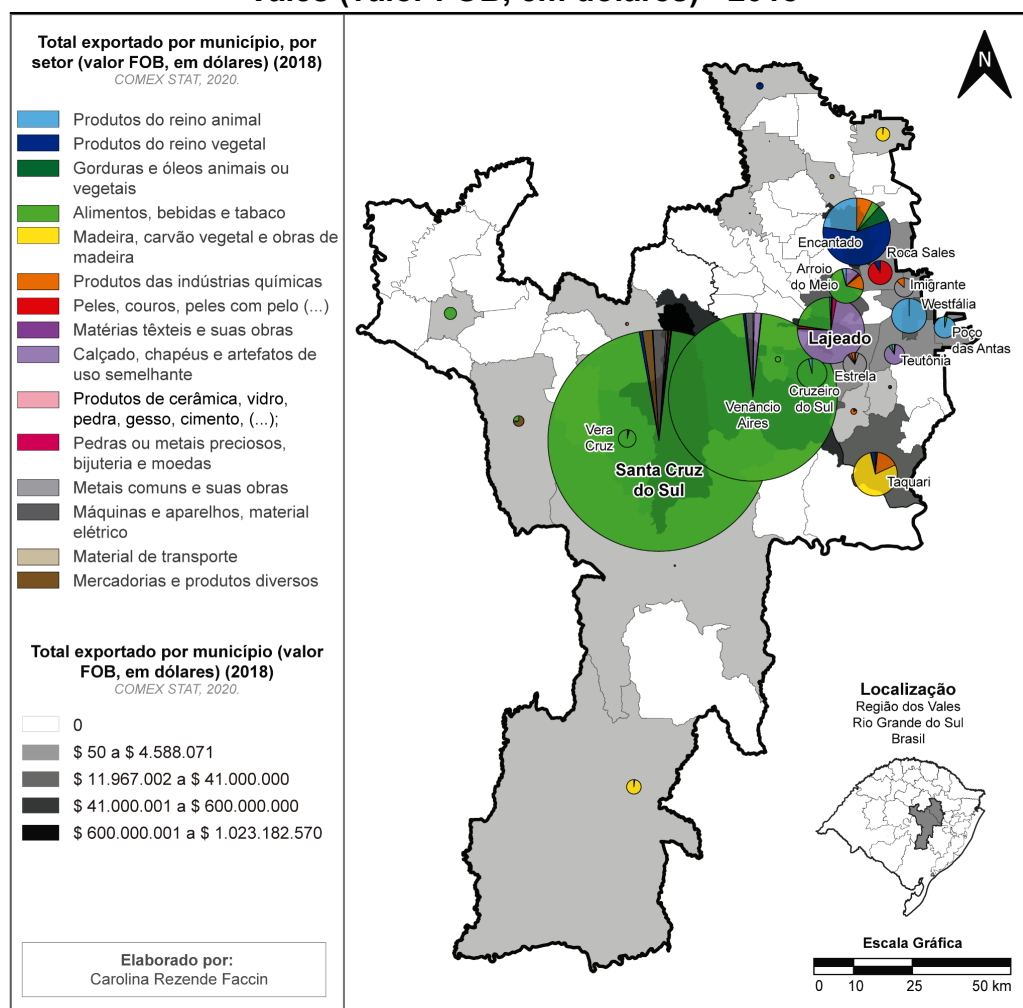
Elaborado por Carolina Faccin a partir de RAIS (2018).

Através dos dados apresentados observa-se que, no Vale do Rio Pardo, a economia estrutura-se predominantemente através do beneficiamento agroindustrial do tabaco, e no Vale do Taquari, do abate e fabricação de produtos da carne – principalmente da carne de frango e de suínos. Além disso, com relação a esses dois setores predominantes, pode-se notar que há, em ambas as sub-regiões, a presença hegemônica de subsidiárias de multinacionais.

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES NA REGIÃO DOS VALES

Na região dos Vales, a exportação de tabaco representa 77% do total das exportações, sendo o produto mais exportado da região. A Figura 4 apresenta o total exportado por município da região dos Vales e o percentual exportado por setor, no ano de 2018. Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires são os municípios que mais exportam produtos, sendo que, desse total, a maior parte refere-se ao tabaco processado: 89,75% e 90% das exportações, respectivamente, de Santa Cruz do Sul e de Venâncio Aires, são de tabaco processado.

Figura 4 - Total exportado por setor para os municípios da região dos Vales (valor FOB, em dólares) - 2018



Elaborado por Carolina Faccin, a partir de COMEX STAT (2018).

O Vale do Rio Pardo exporta majoritariamente tabaco processado, e em menor parte, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos; calçados; móveis e mobiliários; sementes e grãos e brinquedos infantis. Por sua vez, o Vale do Taquari tem uma maior diversidade de produtos exportados, que se destacam em ordem quantitativa de exportação: partes de calçado; erva mate; painéis de MDF; carnes e miudezas de aves; produtos de confeitaria; carnes e miudezas de suínos e farinhas, pó e pellets produzidos a partir dos resíduos do abate de aves e suínos.

O Quadro 1 apresenta os 15 principais produtos exportados por município e a razão social das principais empresas exportadoras de cada um desses produtos, para o ano de 2018, conforme dados do Comex Stat. Além disso, os produtos do setor de produção de tabaco estão marcados pela cor verde e, os produtos do setor de carne de aves e suínos, pela cor laranja.

Quadro 1 - Região dos Vales-RS: 15 principais produtos exportados por município e razão social das principais empresas exportadoras - 2018

Município	Produtos exportados (2018)	FOB (US\$)	%	Razão social
-----------	----------------------------	------------	---	--------------

Santa Cruz do Sul	Tabaco não manufaturado	915.016.587	45,6	Jti Processadora De Tabaco Do Brasil Ltda., Philip Morris Brasil S/A, Universal Leaf Tabacos Ltda, Souza Cruz Ltda
Venâncio Aires	Tabaco não manufaturado	545.637.316	27,2	Alliance One Brasil Exportadora De Tabacos Ltda.
Lajeado	Partes de calçado	66.794.197	3,3	Atlas Brasil Calçados Ltda
Encantado	Mate	54.561.724	2,7	Baldo SA Comercio Industria e Exportacao
Santa Cruz do Sul	Outros produtos de tabaco e seus sucedâneos, manufaturados	49.545.780	2,5	Jti Processadora De Tabaco Do Brasil Ltda., Philip Morris Brasil S/A, Universal Leaf Tabacos Ltda, Souza Cruz Ltda
Taquari	Painéis de partículas e painéis semelhantes de madeira	31.482.703	1,6	Duratex S.A.
Westfalia	Carnes e miudezas comestíveis das aves	25.413.533	1,3	Cooperativa Languiru Ltda.
Venâncio Aires	Outros produtos de tabaco e seus sucedâneos, manufaturados	24.163.674	1,2	Alliance One Brasil Exportadora De Tabacos Ltda.
Lajeado	Produtos de confeitaria sem cacau	19.223.834	1,0	Docile Alimentos Ltda, Florestal Alimentos S/A
Encantado	Carnes de animais da espécie suína	18.342.783	0,9	Cooperativa Dalia Alimentos Ltda
Cruzeiro do Sul	Farinhas, pó e pellets, de carnes, miudezas, impróprios para a alimentação humana	17.741.076	0,9	Faros Industria De Farinha De Ossos Ltda
Muçum	Couros preparados após curtimenta de bovinos ou de equídeos	10.720.207	0,5	Curtume Cbr Ltda
Santa Cruz do Sul	Charutos, cigarilhas e cigarros, de tabaco ou dos seus sucedâneos	10.219.242	0,5	Jti Processadora De Tabaco Do Brasil Ltda., Philip Morris Brasil S/A
Estrela	Reservatórios, latas, caixas e recipientes semelhantes de ferro fundido, ferro ou aço	9.874.748	0,5	Brasilata S A Embalagens Metalicas
Arroio do Meio	Enchidos e produtos semelhantes, de carne, de miudezas ou de sangue	8.626.667	0,4	Companhia Minuano De Alimentos
-	Demais produtos	198.331.884	9,9	-
-	Total	2.005.695.955	100,0	-

Elaborado por Carolina Faccin, a partir de COMEX STAT (2018).

Os municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires se destacam pelas exportações de tabaco não manufaturado (representando 45,6% e 27,2% respectivamente de participação no total das exportações da região). Com relação ao setor de produção da carne de frango e de suínos, destacam-se os municípios de Westfália, onde está localizada o frigorífico de abate de aves da

Languiru, pela exportação de carne de aves (1,3% de participação no total das exportações); Encantando, onde está o frigorífico de abate de suínos da Cooperativa Dália, pela exportação de carne de suínos (0,9% de participação); Cruzeiro do Sul, onde está a Faros Indústria de Farinha de Ossos Ltda., responsável pela reciclagem animal, pela exportação de farinhas de carnes (0,9%); e Arroio do Meio, pela exportação de embutidos de carne pela Companhia Minuano de Alimentos (0,4%) (COMEX STAT, 2018) (Quadro 1).

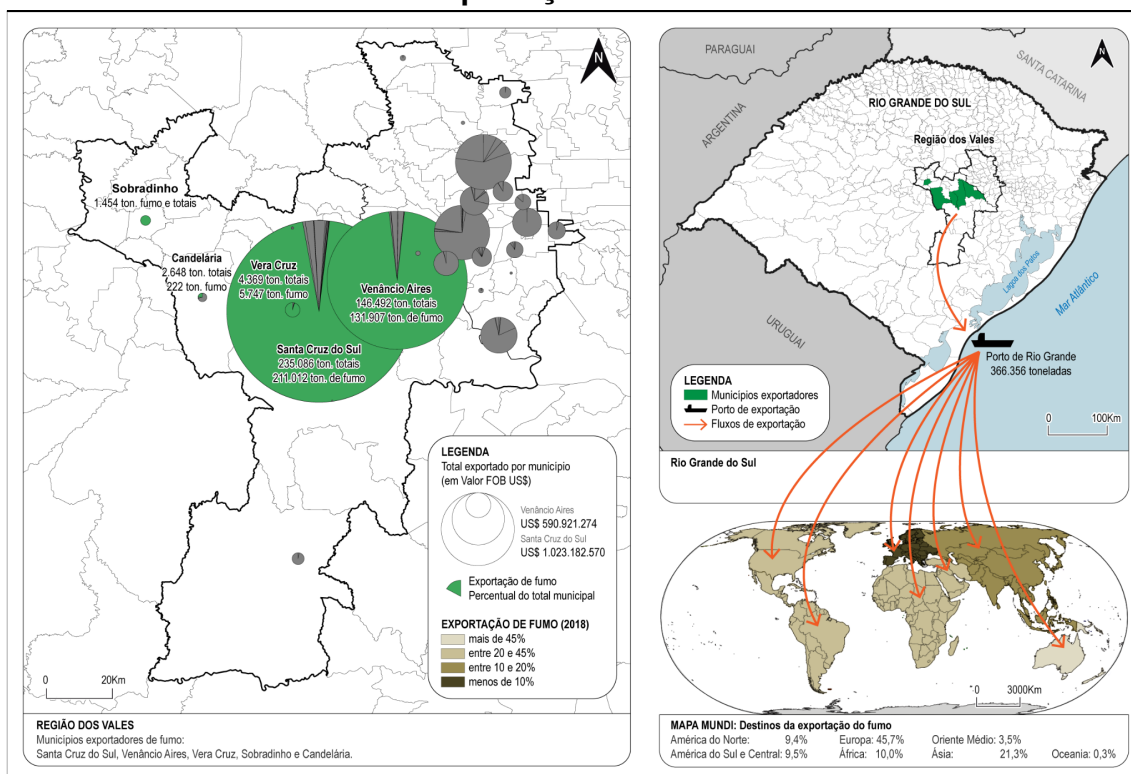
Além dos setores de tabaco e de carnes, na região dos Vales destacam-se as empresas Atlas Brasil Calçados Ltda., de Lajeado, pelas exportações de partes de calçado (3,3% de participação nas exportações totais da região); a Baldo S.A., de Encantado, pelas exportações de mate (2,7%); a Duratex S.A., de Taquari, pelas exportações de painéis de partículas de madeiras (1,6%); Curtume CBR Ltda., de Muçum, pelas exportações de couro (0,5%); e a Brasilata S.A., de Estrela, pelas exportações de reservatórios de ferro ou de aço (0,5%) (COMEX STAT, 2018) (Quadro 1).

A indústria do tabaco é também a principal importadora de produtos na região dos Vales. Por parte de Santa Cruz do Sul é feita a importação de cigarros de tabaco (representando 5,9% de participação no total das importações da região); tabaco não manufaturado (2,0% de participação); e de máquinas e aparelhos para preparar ou transformar tabaco (1,7%). Por parte de Venâncio Aires, é importado tabaco não manufaturado (4,9% de participação) (COMEX STAT, 2018). Destaca-se, ainda, outras importações realizadas por municípios da região dos Vales: a importação de peixes frescos ou refrigerados, pelo município de Teutônia, representa 4,9% do total regional; A empresa Adama Brasil S.A., de fabricação de defensivos agrícolas, localizada em Taquari, importa compostos heterocíclicos de nitrogênio (4,5% de participação no total regional), derivados sulfonados, nitrados ou nitrosados (2,3%) e compostos heterocíclicos de oxigênio (1,7%); e a empresa Brasilata S.A., de embalagens metálicas, importa produtos laminados planos de ferro ou aço (4,2%) (COMEX STAT, 2018).

A Figura 5 apresenta o total de tabaco exportado, em toneladas, por município da região dos Vales, e o destino das exportações, feitas através do Porto de Rio Grande, por onde passaram, em 2018, 366.356 ton. de tabaco processado. O transporte do tabaco em direção ao porto, conforme Silveira (2007, p. 456), “tem sido realizado basicamente através do modal rodoviário, por meio do uso de caminhões com contêineres de tabaco”. Já o destino das exportações é, principalmente, o continente europeu, destino de 45,7% das exportações. Também se destacam a Ásia (21,3%), África (10%), América do Sul e Central (9,5%), América do Norte (9,4%), Oriente Médio (3,5%) e Oceania (0,3%) (COMEX STAT, 2018; EMBRAPA, 2019).

Através do modal rodoviário também é realizada a exportação de cigarros que representou, em 2018, um total de 879.905 kg exportados. Essa mercadoria parte de Santa Cruz do Sul e é exportada ao Paraguai (275.400 kg), Chile (227.647 kg), Bolívia (215.124 kg) e Uruguai (161.734 kg) (COMEX STAT, 2018).

Figura 5 - Total da exportação de tabaco na região dos Vales e destino das exportações - 2018



Elaborado por Carolina Faccin, a partir de COMEX STAT (2018) e EMBRAPA (2019).

A Figura 6 apresenta o total das exportações ligadas ao setor de carne de frangos, carne de suínos e de reciclagem animal, indicando o destino dessas exportações. Essas exportações são feitas a partir do Porto de Rio Grande, de onde partem 32.776 ton. de carne de frango e miudezas, 39.572 ton. de resíduos do abate, e 17.275 ton. de carne de suínos e miudezas advindos dos municípios da região dos Vales.

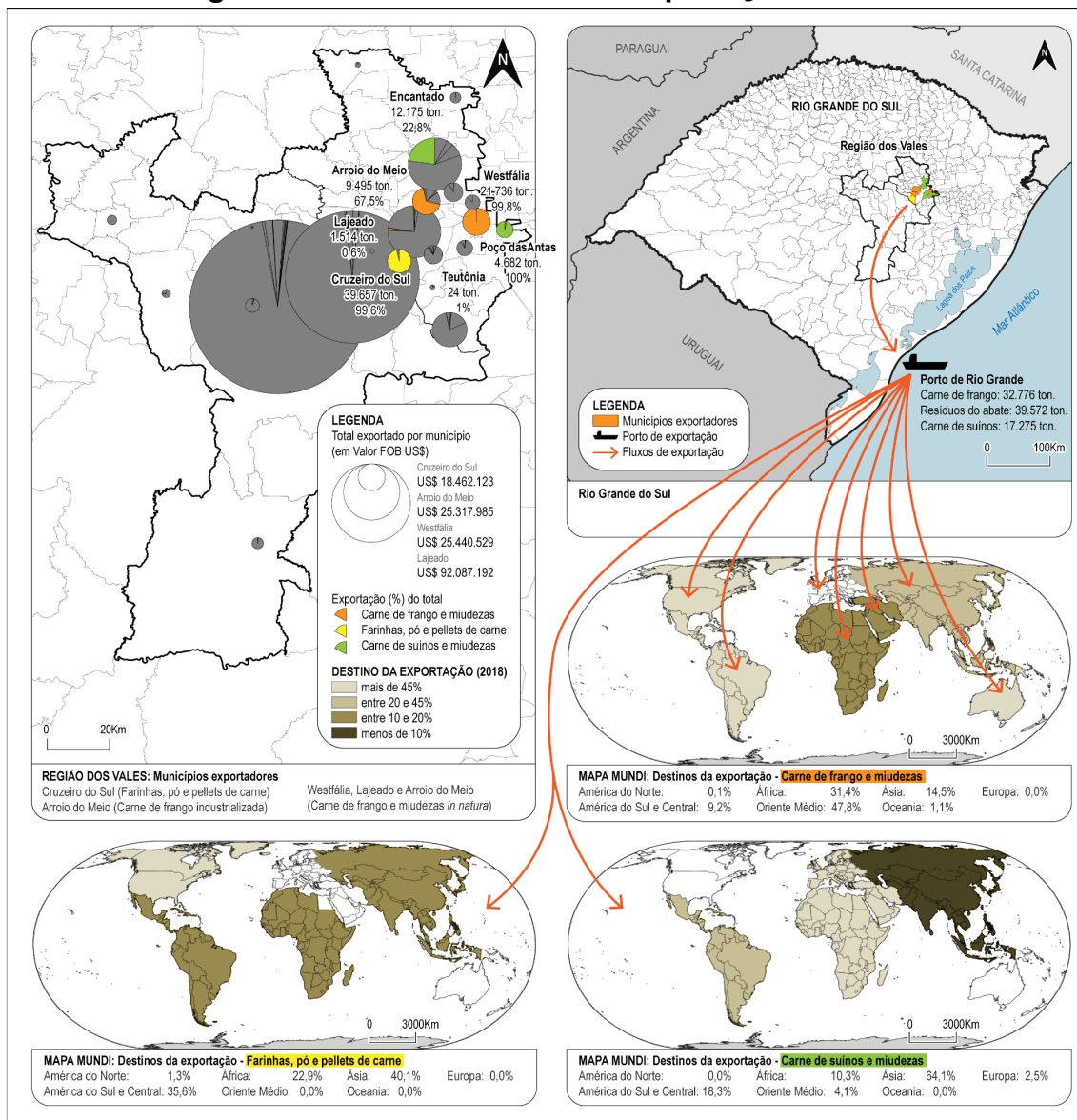
As exportações de carne de frango e miudezas, em 2018, foram feitas predominantemente por três municípios: Westfália, com 21,7 mil toneladas exportadas; Arroio do Meio, com 9,5 mil toneladas e Lajeado, com 1,5 mil toneladas. O destino dessas exportações são, principalmente, o continente africano (com destaque para a Nigéria e África do Sul) e o Oriente Médio (principalmente, Emirados Árabes Unidos, Iêmen e Iraque).

O município de Cruzeiro do Sul destaca-se no âmbito da região dos Vales, pelas exportações de farinhas, pó e pellets de carne, totalizando 39,7 mil ton. exportadas. O destino principal dessas exportações são os continentes asiático (com maiores exportações para o Vietnã), a América do Sul e Central (com destaque para Chile e Colômbia) e o continente africano (principalmente para a África do Sul).

Por fim, entre as exportações de carne suína e miudezas, em 2018, destacam-se os municípios de Encantado, com 12,2 mil toneladas exportadas e Poço das Antas, com 6,7 mil ton. Entre os principais destinos das exportações destacam-se o continente asiático (principalmente, Vietnã, Hong

Kong e Singapura), em razão do alto consumo de carne de suínos nesse continente e, em menor parte, a América do Sul (Uruguai e Argentina).

Figura 6 – Total da exportação de frango, suínos e reciclagem animal na região dos Vales e destino das exportações - 2018



Elaborado por Carolina Faccin, a partir de COMEX STAT (2018) e EMBRAPA (2019).

As altas exportações de carne de frango para o Oriente Médio justificam-se pela tradição dos frigoríficos brasileiros no processo de produção Halal. Os países do Oriente Médio de religião muçulmana, e alguns do continente africano, têm como exigência a preparação de alimentos dentro dos preceitos islâmicos da produção Halal.

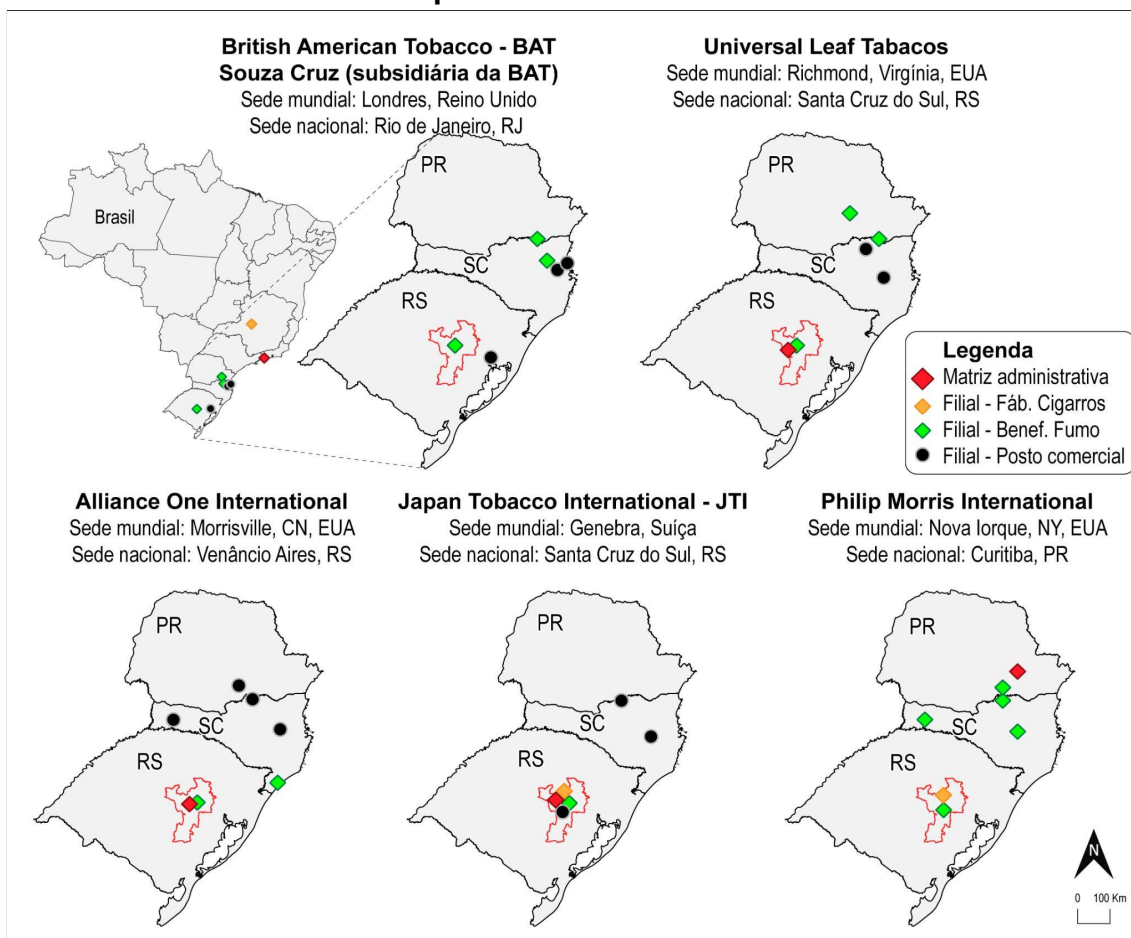
Vale ressaltar que as exportações avícolas utilizam insumos e mão de obra essencialmente nacionais, haja vista que os principais insumos utilizados

na cadeia produtiva (como o milho e a soja, utilizados para produção de ração) são produtos encontrados em abundância no Brasil (UBABEF, 2011).

AS PRINCIPAIS EMPRESAS DOS SETORES PRODUTIVOS DO TABACO E DA CARNE DE FRANGO

A Figura 7 apresenta a localização dos postos de compra e unidades de processamento industrial do tabaco e de fabricação de cigarros das multinacionais tabaqueiras no Brasil, notadamente a Souza Cruz (subsidiária da British American Tobacco – BAT), a Universal Leaf Tabacos, a Alliance One International, a Philip Morris International e a Japan Tobacco International – JTI. Com exceção da Souza Cruz e da Philip Morris, que possuem suas sedes administrativas no Rio de Janeiro e em Curitiba, respectivamente, as outras possuem suas sedes em Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires.

Figura 7 - Divisão territorial do trabalho no Brasil das multinacionais tabaqueiras no Brasil - 2020



Elaborado por Carolina Faccin, a partir de Receita Federal (2020) e dados da pesquisa.

A Souza Cruz foi criada em 1903 e adquirida pelo grupo anglo-americano British American Tobacco (BAT) em 1914. Operava inicialmente apenas no Sudeste do Brasil, principalmente no Rio de Janeiro (onde está localizada atualmente sua sede nacional). Em 1917, inaugurou sua

primeira usina de processamento em Santa Cruz do Sul e, a partir de 1927, suas operações de fabricação de cigarros foram expandidas para outros Estados do País (BUAINAIN; SOUZA FILHO, 2009). Atualmente, a empresa Souza Cruz (BAT) possui uma fábrica de cigarros em Uberlândia (MG), uma central de distribuição em Cachoeirinha (RS) e três usinas de beneficiamento em Rio Negro (PR), Timbó (SC) e Santa Cruz do Sul (RS).

A Universal Leaf Tabacos e a Alliance One atuam no processamento de tabaco, cujas atividades compreendem seleção, compra, processamento, embalagem e armazenamento das folhas de tabaco. São empresas processadoras que, conforme Buainain e Souza Filho (2009, p. 128), “operam como intermediárias entre os produtores de tabaco, que tomam decisões relacionadas à oferta da matéria-prima, e as empresas cigarreiras, que tomam decisões relacionadas à demanda do tabaco processado”.

A Universal Leaf Tabacos instalou-se no Brasil em 1970, sendo que sua unidade brasileira faz parte do conglomerado norte-americano Universal Leaf Corporation (BUAINAIN; SOUZA FILHO, 2009). A empresa está sediada em Santa Cruz do Sul, onde possui uma unidade de beneficiamento de tabaco em folha. Além desta unidade, também possui outras duas em Rio Negro e em Imbituva, no Paraná.

Já a Alliance One surgiu em 2004, após a fusão da Dimon Incorporate com a Standard Commercial Corporation, ambas multinacionais de origem estadunidense. A Dimon estava presente no Vale do Rio Pardo desde 1996, a partir da compra de unidades produtivas preexistentes em Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz (SILVEIRA, 2007, p. 414). Atualmente, sua sede está localizada em Venâncio Aires, e possui unidades de processamento do tabaco em Venâncio Aires (RS) e em Araranguá (SC).

A Japan Tobacco International (JTI), com sede em Santa Cruz do Sul, instalou-se no Brasil no ano 2000, através de um escritório comercial no Rio de Janeiro. Em 2009, a partir da aquisição das empresas KBH&C e Kannenberg & Cia Ltda., em Santa Cruz do Sul, iniciou no processamento industrial do tabaco. Até hoje, permanece sendo a única unidade de processamento da empresa no Brasil. Em 2018, foi inaugurada, também em Santa Cruz do Sul, a fábrica de cigarros da JTI. Além da unidade de processamento industrial de tabaco e da fabricação de cigarros, mantém centros de pesquisas e de distribuição (KIST et al., 2018; NASCIMENTO, 2020; PORTO; NASCIMENTO, 2018).

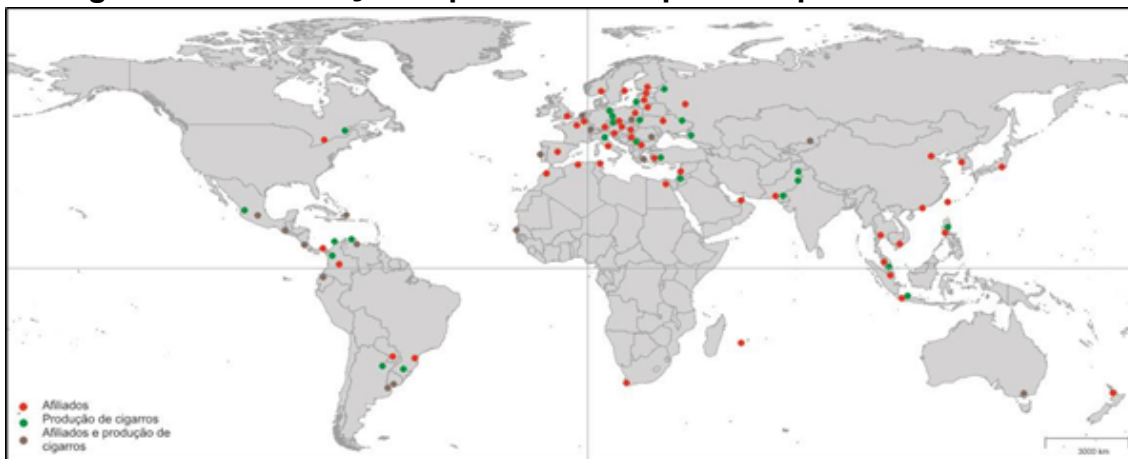
Por fim, a Philip Morris Brasil – PMB, subsidiária da Philip Morris International – PMI, opera no Brasil desde 1973, sendo que suas atividades focam na produção de cigarros. Atualmente, possui uma fábrica de cigarros localizada em Santa Cruz do Sul, duas unidades de processamento de tabaco e cinco postos de compra de tabaco dos agricultores produtores, no Sul do Brasil, conforme dados da Receita Federal (2020) e de Dornelles (2016).

Em síntese, em Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires estão localizadas as usinas de processamento do tabaco e unidades de compra dessas empresas, que fazem o recebimento e processamento do tabaco da produção gaúcha. Além disso, em Santa Cruz do Sul estão implantadas duas das três fábricas de

cigarros dessas empresas (a exceção é a fábrica da Souza Cruz, que está em Uberlândia, Minas Gerais). Em outros municípios do Estado do Paraná e de Santa Catarina, as cinco empresas ainda possuem outras usinas de processamento do tabaco ou pontos de compra, nas áreas próximas de onde há grande produção de tabaco em folha.

Além disso, lembramos que, no âmbito da localização espacial, os estabelecimentos das empresas multinacionais presentes na região dos Vales possuem unidades produtivas espalhadas pelo mundo. Podemos citar, como exemplo, a Philip Morris: a Figura 8 ilustra a distribuição espacial mundial da empresa, para o ano de 2014. Dornelles (2016, p. 96) indica que a empresa, cuja sede está localizada em Lausanne, na Suíça, possui “56 centros de produção em 33 países e produz mais de 860 bilhões de cigarros anualmente, sem operar nos mercados dos EUA e China. Conta ainda com 64 Unidades afiliadas no mundo: 13 nas Américas; 6 na África; 2 Oceania; 16 Ásia; e 27 Europa.”

Figura 8 – Distribuição espacial da Philip Morris pelo mundo - 2014



Fonte: Dornelles (2016).

Na escala global em que atuam as agroindústrias multinacionais, a instalação desses objetos e sistemas técnicos no território regional representa a racionalidade e o ordenamento necessários à ampliação do capital. Suas decisões locacionais e novos investimentos estão relacionadas ao comportamento diferenciado do preço do tabaco produzido e exportado pelos principais países exportadores e pelas três variedades de tabaco em folha cultivadas nas distintas zonas geográficas da superfície terrestre. Cada área produtora apresenta uma particular combinação de características climáticas, tipos de solo e relevo que possibilitam as condições ambientais particulares para produção das variedades de tabaco. Além disso, cada um desses lugares específicos apresenta custos distintos de produção que afetam o preço final de sua comercialização e exportação (BUAINAIN; SOUZA FILHO, 2009; SILVEIRA, 2007).

Na medida em que essas grandes empresas atuam mundialmente, suas sedes podem regular e orientar a produção de tabaco de suas subsidiárias, de

acordo com a dinâmica diferenciada de preços e com as variedades de tabaco necessárias para produção de blends. Podendo obter, assim, vantagens comparativas que acabam reforçando suas posições hegemônicas no mercado mundial de tabaco em folha. É por isso também que todas as grandes companhias multinacionais tabaqueiras procuram estar presentes, direta ou indiretamente, nas diferentes áreas produtoras de tabaco (SILVEIRA, 2007).

No setor de produção de carne de frango e de suínos, com as principais exportações, destacam-se: a Cooperativa Languiru (cuja exportação de carne de aves representa 1,3% de participação no total das exportações da região dos Vales, e de carne de suínos 0,7%); a Cooperativa Dália (com 0,9% de participação); a Faros Indústria de Farinha de Ossos (0,9%); a Companhia Minuano de Alimentos (0,4%) e a BRF (0,03%) (COMEX STAT, 2018) (Tabela 3).

A Cooperativa Dália, anteriormente denominada Cosuel - Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda., foi fundada por 387 pequenos agricultores familiares em 15 de junho de 1947. Inicialmente, a cooperativa era voltada às necessidades de industrialização e comercialização da banha de porco. No mesmo local, em 1963 foi inaugurada a fábrica de rações.

Na década de 1950, os agricultores dos municípios do Vale do Taquari tinham por atividade principal a exploração das lavouras e a criação de suínos, complementada com a criação de aves e gado leiteiro. Já no início da década de 1960, os agricultores da região voltam suas atividades também para a produção de laticínios e de carne de aves, atividades até então consideradas secundárias, para enfrentar crises no mercado de produtos suínos (MALLMANN, 2017).

Dessa forma, desde 1965 a Cooperativa Dália tem escolhido o município de Arroio do Meio para implantação de novas plantas industriais, quando ela inaugurou sua primeira unidade de lácteos no município, no bairro Aimoré, através de uma parceria público-privada com os Poderes Executivo e Legislativo. Desde então, a parceria com o município de Arroio do Meio mantém-se, o que explica a formação do Complexo Lácteo (inaugurado em 2014) e o Complexo Avícola (inaugurado em 2019), no distrito de Palmas, às margens da ERS-130 (DÁLIA ALIMENTOS, 2020).

A Cooperativa Languiru foi fundada em 1955, em Teutônia, por 147 agricultores. As atividades iniciaram em 1956, no dia 1º de junho, em um pequeno armazém que fornecia mantimentos de primeira necessidade e insumos agrícolas. Em contrapartida, o estabelecimento recebia a produção dos cooperados (LANGUIRU, 2020).

A Languiru possui, em Teutônia, sua matriz administrativa; uma indústria de laticínios; quatro supermercados em diferentes bairros do município; três *agrocenters* e dois incubatórios de aves. Em Estrela, mantém a fábrica de rações, inaugurada em 1976. Em Westfália, está o frigorífico de abate de aves, inaugurado em 1979, onde também está a planta industrial de fabricação de embutidos da carne, em funcionamento desde 2008. Por fim, em Poço das Antas, está localizado o novo frigorífico de abate de suínos, inaugurado em

2012. Em outros municípios da região dos Vales, estão distribuídos supermercados e *agrocenters* da empresa.

Entre 2019 e 2020, a Languiru ampliou a capacidade de abate de aves de seu frigorífico em Westfália, passando de 100 mil aves/dia para 160 mil aves/dia. Essa reformulação permite que a empresa possa exportar para a China e outros mercados mais exigentes, ampliando o total da produção de aves destinada à exportação, até o percentual de 65%, em maio de 2020 – aproveitando a alta do dólar no período (SILVA, TIAGO, 2020a).

Por fim, vale comentar que, por meio dessas mudanças recentes na atuação das cooperativas Dália e Languiru no Vale do Taquari, evidencia-se a força das verticalidades, seja pela alta do dólar em 2020, favorecendo a exportação de produtos, seja pelo maior consumo de carne em nível global e por um aumento das exportações brasileiras de carne de frango, seja pela maior demanda de carne da China, ou ainda, pelas exigências impostas pelos países de origem muçulmana, pela carne Halal. As duas cooperativas atuam no mercado nacional e internacional e, por isso, sofrem as exigências, tensões e o poder da força desses mercados. Por mais que as cooperativas possuam princípios solidários, são influenciadas pelo mercado, principalmente no que se refere ao mercado global. O mercado não diferencia se está negociando com uma empresa multinacional ou com uma cooperativa.

Em terceiro lugar com as maiores exportações do setor de produção de carne do Vale do Taquari, destaca-se a empresa Faros Indústria de Farinha de Ossos Ltda., cujas exportações representam 0,9% do total regional. A Faros, fundada em 1983, possui sua única planta industrial e matriz administrativa no município de Cruzeiro do Sul, e atua na área de reciclagem animal¹. A exportação é feita para a América Latina, Ásia e África do Sul, com destaque para o Chile, Argentina, Colômbia, Vietnã e Bangladesh.

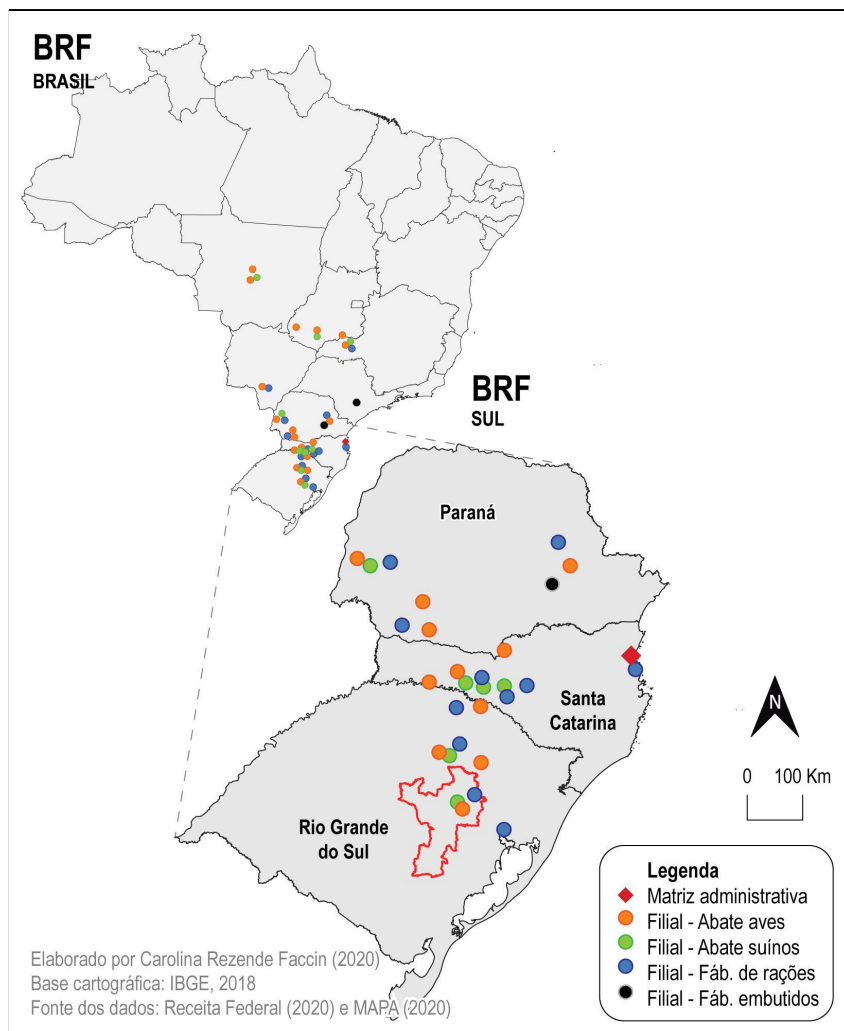
A Companhia Minuano de Alimentos – empresa, com sede em Lajeado, possui sua divisão territorial do trabalho está concentrada no Vale do Taquari. Os estabelecimentos industriais vinculados a essa empresa estão localizados em Lajeado (frigorífico de abate de aves, com 2.011 trabalhadores) e Arroio do Meio (fábrica de embutidos e fábrica de rações). A empresa ainda possui três matrizeiros (onde são produzidos ovos férteis) em Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul e Estrela; um incubatório (onde são chocados os ovos) em Estrela.

Por fim, no setor de produção de carne de frangos e suínos do Vale do Taquari, vale também destacar a BRF, ainda que as exportações da empresa representem apenas 0,03% do total regional, por ser uma das maiores empresas do setor de carne de frangos e suínos do Brasil e pelo número de empregados em sua planta industrial localizada em Lajeado. Sua configuração espacial é representada na Figura 9, apresentando a localização dos

¹ A partir do abate do frango e dos suínos resultam resíduos, como as penas, sangue, vísceras, resíduos de ossos que, após o devido tratamento, podem ser economicamente aproveitadas – etapa denominada de reciclagem animal. A maior parte desses resíduos são transformados em farinhas de vísceras de aves, farinha de sangue, farinha de penas hidrolisadas e óleo de vísceras, que são utilizados como componentes de rações para animais. Em menor parte, esses resíduos são destinados para produção de biodiesel, para saboaria, para exportação e para outras indústrias – como por exemplo, a indústria de cosméticos (ABRA, 2020).

frigoríficos de abate, fábricas de ração e unidades de beneficiamento de produtos cárneos, conforme dados do MAPA (2020) e Receita Federal (2020).

Figura 9 - Divisão territorial do trabalho do setor de produção da carne de frango no Brasil da BRF - 2020



Elaborado por Carolina Faccin, a partir de MAPA (2020), Receita Federal (2020) e dados da pesquisa.

A divisão territorial do trabalho da BRF está fortemente relacionada ao Vale do Taquari, já que possui uma fábrica de abate de aves e de suínos em Lajeado (com 2.904 funcionários) e uma fábrica de rações em Arroio do Meio. No âmbito do Rio Grande do Sul, a empresa possui unidades de abate em Serafina Corrêa (1.528 funcionários), uma unidade de abate e de embutidos em Marau (2.618 funcionários) e uma fábrica de rações em Marau e Porto Alegre (RAIS, 2018). As unidades produtivas da BRF ainda se espalham por outros estados: Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso.

Portanto, é possível identificar uma maior distribuição das plantas industriais do setor da carne de frango e de suínos em diferentes municípios,

seja na cidade média de Lajeado, seja nas cidades pequenas de Encantado, Arroio do Meio, Poço das Antas ou Westfália.

No caso da cadeia produtiva da carne de frango, um fator que influencia nessa maior distribuição das plantas industriais entre diversos municípios é justamente o maior controle que as empresas têm sobre a cadeia produtiva. Uma vez que as aves são propriedade das empresas abatedoras, essas próprias empresas tornam-se responsáveis pelas granjas de avós (avozeiro), criação dos ovos férteis (matrizeiros), incubação dos ovos (incubatório), além de serem responsáveis pela fabricação da ração (fábrica de rações) e pelo abate das aves (frigorífico abatedouro). Cada uma dessas etapas pode ser realizada em um estabelecimento diferente e em um município diferente, conforme seja mais vantajoso para a empresa, visando a reprodução do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados, pode-se observar, no âmbito da região dos Vales e respectiva cadeia produtiva e exportadora/importadora, duas distintas sub-regiões. De um lado, o Vale do Rio Pardo como região majoritariamente exportadora de tabaco processado, a partir das cidades de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. De outro lado, a região do Vale do Taquari, com maior diversidade de produtos exportados, como partes de calçado; erva mate; painéis de MDF; carnes e miudezas de aves e suínos; produtos de confeitaria; e farinhas, pó e pellets de carnes, a partir de diversos municípios, tais como Lajeado, Arroio do Meio, Encantado, Poço das Antas, Westfália, Taquari e Estrela.

Destaca-se o papel das cidades médias de Santa Cruz do Sul e Lajeado que, por sediarem multinacionais, encontram-se verticalmente integradas à economia globalizada por meio das ações e regulações operadas por essas empresas no âmbito do mercado mundial. Tal característica ainda possibilita que essas cidades médias, através da gestão empresarial de tais empresas, possam estabelecer interações espaciais globais, acionadas pelas multinacionais e pelos mercados globais dos seus produtos.

Ainda ressalta-se a atuação das empresas e cooperativas regionais no Vale do Taquari. Essas empresas possuem importante papel na região e, através do alto montante exportado, têm buscado uma organização que venha a competir com as multinacionais do setor. Também pode-se chamar a atenção para o papel das cidades pequenas, no Vale do Taquari, onde estão localizadas essas cooperativas, pelo alto montante exportado. É o caso de Westfália, Poço das Antas e Encantado, onde estão localizados frigoríficos de abate de aves e de suínos, e de Arroio do Meio, onde estão localizadas fábricas de rações e de embutidos.

Assim, no caso das indústrias tabaqueiras, no Vale do Rio Pardo, a distribuição das empresas no território regional é concentrada nos municípios de Santa Cruz do Sul e de Venâncio Aires. No caso do Vale do Taquari, há, comparativamente, uma maior distribuição das unidades produtivas nos

municípios da região, por conta do modo como é estruturada a cadeia da carne.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM ANIMAL (ABRA). *Farinhas*. 2020. Disponível em: <<https://abra.ind.br/reciclagem-animal/>>. Acesso em: 8 set. 2020.

BUAINAIN, Antonio Márcio; SOUZA FILHO, Hildo Meirelles de (Org.). *Organização e Funcionamento do Mercado de Tabaco no sul do Brasil: Agricultura, Instituições e Desenvolvimento Sustentável*. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. *Território*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 43-5, 1999.

CATÃO, Rafael de Castro; REOLON, Cleverson Alexsander; MIYAZAKI, Vitor Koiti. *Interações Espaciais: Uma Reflexão Temática*. Caminhos de Geografia, v. 11, n. 35, p. 231–239, 2010.

COMEX STAT. *Exportação e Importação Municípios*. 2018. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>>. Acesso em: 7 set. 2020.

DÁLIA ALIMENTOS. *A História da Dália Alimentos*. 2020. Disponível em: <<http://dalia.com.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

DÁLIA ALIMENTOS. *Dália Alimentos inaugura Complexo Avícola com anúncio da ministra da Agricultura para já operar com o SIF 317*. 2020. Disponível em: <<http://dalia.com.br/dalia-alimentos-inaugura-complexo-avicola-com-anuncio-da-ministra-da-agricultura-para-ja-operar-com-o-sif-317/>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

DORNELLES, Mizael. *Desenvolvimento regional e uso do território: uma análise a partir do circuito espacial e círculos de cooperação da produção de cigarros no território da região de Santa Cruz - RS*. 2016. 183 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). *Exportação Agropecuária*. 2019. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/macrologistica/exportacao>>. Acesso em: 7 set. 2020.

ENDLICH, A. M. Cidade pequena. In: SPOSITO, E. S. *Glossário de geografia humana e econômica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017. pp. 49-56.

ETGES, Virginia Elisabeta. *Desenvolvimento regional sustentável: o território como paradigma*. Santa Cruz do Sul: Redes, v. 10, n. 3. set./dez. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Produto Interno Bruto dos Municípios 2002-2017*. 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pib-munic/tabelas>>. Acesso em: 5 jan. 2020a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estimativas da população residente para os municípios e para as unidades da federação brasileiros com data de referência em 1o de julho de 2020*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 16 set. 2020.

JURADO DA SILVA, P. F.; SPOSITO, E. S. Discussão geográfica sobre cidades pequenas. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, n. 2, p. 203-217, 2009.

KIST, Benno Bernardo et al. *JTI: uma fábrica para o futuro*. Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2018.

LANGUIRU. Languiru. *História*. Disponível em: <<https://www.languiru.com.br/historia>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

MALLMANN, Lígia Margarete. *Agricultores familiares e cooperativas: relações sociais de produção na cadeia produtiva do leite na região do Vale do Taquari/RS - Brasil*. 2017. 163 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

NASCIMENTO, Rodrigo. O que prevê o investimento da JTI em Santa Cruz do Sul. *Portal GAZ*, Santa Cruz do Sul, 10 abr. 2020. Disponível em: <http://www.gaz.com.br/conteudos/regional/2020/04/10/164268-o_que_preve_o_investimento_da_jti_em_santa_cruz_do_sul.html.php>. Acesso em: 16 set. 2020.

PORTO, Leandro; NASCIMENTO, Rodrigo. JTI inaugura nova fábrica em Santa Cruz do Sul. *Portal Gaz*, Santa Cruz do Sul, 26 set. 2018. Disponível em: <http://www.gaz.com.br/conteudos/regional/2018/09/26/130425-jti_inaugura_no_va_fabrica_em_santa_cruz_do_sul.html.php>. Acesso em: 16 set. 2020.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS). *Número de empregados por setor CNAE 2.0*. 2018. Disponível em:

<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_vinculo_id/login.php>. Acesso em: 5 jan. 2020.

RECEITA FEDERAL. *Emissão de Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral*. 2020. Disponível em:

<http://servicos.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp?cnpj=>. Acesso em: 10 nov. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. *Perfil Socioeconômico COREDE Vale do Rio Pardo*. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional (SEPLAG) e Departamento de Planejamento Governamental (DEPLAN), 2015a. Disponível em:

<<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095302-perfis-regionais-2015-vale-do-rio-pardo.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. *Perfil Socioeconômico COREDE Vale do Taquari*. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional (SEPLAG) e Departamento de Planejamento Governamental (DEPLAN), 2015b. Disponível em:

<<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095341-perfis-regionais-2015-vale-do-taquari.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento incluyente, sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SILVA, Tiago. Com dólar em alta e mercado interno em baixa, Languiru destina 65% de sua produção para exportações. *Grupo Independente*, Lajeado, 19 maio 2020a. Disponível em:

<<https://independente.com.br/com-dolar-em-alta-e-mercado-interno-em-baixa-languiru-destina-65-de-sua-producao-para-exportacoes/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. *Complexo agroindustrial do fumo e território: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo - RS*. 2007. 578 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da et al. Cidades médias, fluxos pendulares e dinâmica territorial na Região dos Vales-RS. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, v. 7, n. 2, p. 133–168, 2019.

SPOSITO, Maria E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M.E.B. (Org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

THEIS, I. et al. Globalização e Planejamento do Desenvolvimento Regional: o caso do Vale do Itajaí. In: SIEBERT, C. (org.). *Desenvolvimento Regional em Santa Catarina: reflexões, tendências e perspectivas*. Blumenau: EDIFURB, 2001.

UBABEF. *A saga da avicultura brasileira: como o Brasil se tornou o maior exportador mundial de carne de frango*. São Paulo: UBABEF, 2011.

ULLMAN, E. L. *Geography As Spatial Interaction*. Washington: University of Washington, 1980.

WANG, Jiaoe. *Economic Geography: Spatial Interaction*. International Encyclopedia of Geography. Hoboken: John Wiley & Sons, 2017. p. 1–4.